

**KHAZNADAR, CHÉRIF (EDITOR) ILLOUZ, CHARLES E VIDAL, LAURENT (COORDENADORES). JEAN DUVIGNAUD. LA SCÈNE, LE MONDE, SANS RELÂCHE, INTERNATIONALE DE L'IMAGINAIRE, MAISON DES CULTURES DU MONDE-ACTES SUD. COLL. BABEL, NOUVELLE SÉRIE, NUMÉRO 12, 2000, 254 PP.**

Resenha por Rosza W. Vel Zoladz  
Doutora em Sociologia do  
Conhecimento (Université de Tours,  
France)  
Escola de Belas Artes/UFRJ

Uma homenagem mais que merecida. É assim que se pode compreender a publicação desse livro que reúne vinte ensaios de autoria de amigos do eminente sociólogo francês Jean Duvignaud. O projeto editorial do livro foi motivo de intensa troca de idéias entre os cientistas sociais que assinam os artigos que, de muitas maneiras, reverenciam o homenageado, pensando de início num *liber amicorum*. Para Jean Duvignaud, esse tipo de proposta assemelhava-se mais a uma homenagem póstuma, já que a sugestão era feita por ocasião em que se desligava da vida universitária, para usufruir da aposentadoria e logo em seguida receber o título de professor emérito. Na verdade, conhecendo Jean Duvignaud, fica difícil acreditar no seu afastamento da academia que o coroava naquele momento, após ter trabalhado na Sorbonne, na Universidade de Túnis (Tunísia), Université de Tours e na Université Paris VII. Foi acertado então que o livro deveria ter o perfil pessoal e intelectual do homenageado, ou seja, constituir-se num "encontro dialético de idéias, de textos, de gerações". É o que Chérif Khaznadar escreve no belo prefácio da obra (p.9) com autoridade para dizê-lo. Isto porque a proximidade que o une a Jean Duvignaud tem como mola estarem à frente da Maison des Cultures du Monde da qual o homenageado é presidente desde 1982.

Assim, o livro transformou-se num lugar privilegiado para que os autores dos ensaios, cada um deles "colocasse seu coração a nu" no jeito de Baudelaire e expressasse de público as influências, as vivências, que marcaram o privilégio que têm de conviver com Jean Duvignaud e continuam tendo com um gigante como é o amigo distinguido. Sempre fiel à Escola Francesa de Sociologia, Duvignaud nunca seguiu modas ou uma adesão fácil às novidades fugazes no campo das idéias. Com isso, não se está dizendo que as desconhecesse. Ao contrário, com o seu olhar penetrante acompanha atento o que vai aparecendo como produção intelectual na França, como também em outras partes do mundo. Agora, o que encanta e fascina na obra de Jean Duvignaud é sua dedicação a outros gigantes dessa Escola, a começar por

Durkheim, Marcel Mauss, Gurvitch, Roger Bastide e tantos, tantos outros que poderiam ser citados e que contribuíram para a sua formação acadêmica. Dessa maneira, ensina que juntamente com a satisfação que a vida intelectual propicia, a fidelidade traz recompensas, gratificações.

Pode-se dizer que, com essas influências, Jean Duvignaud debruça-se sobre a Dádiva, magistralmente estudada por Marcel Mauss (1925). No caso de Duvignaud, esse tema é emblemático nos seus escritos, dando passos adiante detendo-se, não mais nas sociedades ditas primitivas examinadas por Mauss e, sim, no meio urbano. É desse modo que se pode ler o seu livro "Le don du rien" (1977), "Le jeu du jeu" (1980), "Le propre de l'Homme" (1985), "La solidarité" (1986), "La genèse des passions dans la vie sociale" (1990). Se nesses livros, Jean Duvignaud se ocupa de estudar profundamente o que ele mesmo diz ser "o preço das coisas sem preço", nas suas pesquisas – "La planète des Jeunes" (1975), "La banque des rêves" (1979), "Les tabous des français" (1981), em colaboração com Françoise Duvignaud e J. P. Corbeau, demonstrou ser um exímio antropólogo, fazendo uma etnografia das coisas banais, como, hoje, está em voga. Esse talento demonstrado já se revelara no seu livro "Chebika", um clássico na história universal da Antropologia, reeditado pela importante coleção Terre Humaine (1991), dirigida por Jean Malaurie. No livro aqui resenhado é autor de um ensaio que carrega o sugestivo título "Para o intelectual que, em três momentos decisivos de sua vida, disse não" (pp. 17-23). A mesma respeitável coleção também publicou de Jean Duvignaud, "Le pandemonium du présent. Idées sages, idées folles" (1998) que se constitui numa espécie de autobiografia da qual não se deve esperar encontrar um texto laudatório, visto de cima. O livro apresenta a efervescência de idéias expressas por artistas, poetas, dramaturgos, filósofos, políticos que se mostram, como Duvignaud enfatiza, "(...) numa cumplicidade da qual resulta a generosidade".

A produção bibliográfica de Jean Duvignaud não pára, entretanto aí. No seu livro "Sociologie du théâtre" (1999) ele diz: "A humanidade vive seu próprio drama através do teatro, e a tensão trágica ou a dis-razão nos oferecem, sob a máscara das personagens lendárias ou inventadas, o espetáculo das tensões que se afrontam, no nível mais profundo da experiência coletiva. O teatro é bem mais que o teatro. O homem é o sonho de uma sombra, diz Hesíodo. O teatro é a parte da sombra. A sombra que nos projeta para o futuro, para o inacabado" (p. 17). E Duvignaud sugere mais nesse livro: "O teatro é uma cerimônia". Isso quer dizer que nela se entra de um jeito e se sai de outro. O homem que dela participa é iniciado. É o que acontece e o que se sente, por exemplo, num casamento. Os passos que são dados já de antemão são conhecidos. Nem por isso deixa-se de se emocionar com uma teatralização muito forte. Curiosamente, esse tipo de reflexão é também encontrado no seu livro soberbo "Fêtes & Civilisations" (2e édition, 1984) no qual Duvignaud se pergunta: para que

serve a Festa? Tema que interessa bem de perto ao Brasil, dada a habilidade que aqui é demonstrada em organizá-las e que pode ser enunciada como um dos indicadores de uma identidade que se procura, particularmente imprecisa numa sociedade pluriétnica, marcada por sua diversidade. Se são essas as grandes linhas registradas no que Jean Duvignaud escreve, muito se tem ainda a dizer dos laços que o unem ao Brasil. Por diversas vezes visitou o Brasil e, especialmente, o Nordeste onde foi recebido por Gilberto Freyre em sua casa no bairro de Apipucos no Recife. Dessas visitas que se deram desde 1961 e pela freqüência das mesmas resultou uma amizade que não escondia compreender os paradoxos, as contradições encarnadas nos textos e as análises tecidas pelo autor de *Casa Grande & Senzala*, as quais não desmerecem o gênio de seu autor. Reconhecendo-o, Duvignaud prefaciou a segunda edição francesa do livro "Nordeste" (1989), que tem o sugestivo título "Terres du sucre" (1992). Nesse prefácio que serviu – entre tantos outros textos seus de material didático para os alunos do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes/UFRJ (linhas de pesquisa em Imagem e representações culturais) - , Duvignaud enfatiza a importância da antropologia para a criação intelectual no Brasil, deixando de lado a história, a filosofia que foi tão útil para os pensadores franceses. Duvignaud mergulha fundo para alcançar a inteligibilidade do Brasil e se transforma num dos intérpretes das muitas tradições que são peculiares a uma sociedade que se interroga: O que é o Brasil? O que é ser brasileiro? Diante das suas peculiaridades nas quais não se desfazem os núcleos antigos vivos, que, ao mesmo tempo, se interpenetram com as transformações que não se sabe bem o que são, caracteriza-se uma permanente anomia. É o que tem configurado o que se vive no Brasil como expressão de um dinamismo que se dá sob a forma de disjunções conectadas.

Foi nessa ótica que Jean Duvignaud pronunciou duas conferências na EBA/UFRJ, que se acham publicadas, detendo-se, na primeira, no exame da arte, do artista e da identidade e, na segunda, no estilo e no urbanismo. Foram conferências pronunciadas com o apoio do Consulado da França no Rio de Janeiro e do Ministère des Affaires Etrangères do mesmo país. Numa dessas ocasiões, Duvignaud revela o seu encantamento pela cidade do Rio de Janeiro cuja beleza faz da cidade "um lugar onde tudo é possível". E não deixa de ser verdade o que disse. Basta lançar um olhar menos apressado e percebe-se a força das cores que impregnam o sonho, a fantasia, o lúdico dos que vivem nessa cidade ou a procuram, onde a paisagem mais que a história alimenta o Imaginário. Este faz que se viva uma realidade paralela na qual o homem assume sua importância e tem os seus direitos assegurados. Para Duvignaud, o Imaginário é isso: um universo oculto que existe em todos os homens, acoplando a experiência artística à experiência concreta. Essas considerações iniciam-se no seu livro "Sociologia da Arte" (1970) no qual esboça a sua intenção de estudar a rica

criação simbólica em sociedades como a brasileira, nas quais à diversidade cultural corresponde a proliferação de símbolos cujo propósito é reconverter obstáculos que se colocam para a comunicação. Tudo isso Duvignaud apresenta com mais profundidade no prefácio do belíssimo "Atlas de l'Imaginaire" (1996) da autoria de Chérif Khaznadar e Françoise Gründ. Nele, Duvignaud revela-se um homem do mundo e, por isso, explica a eclosão da arte popular em escala mundial, sem esquecer de enfatizar o significado integrador dessas manifestações artísticas em que o *mitzein* (estar com) define o que é a cultura. De fato, regras, normas, hábitos, costumes partilhados por um grupo dão os contornos do que se tem como formas de expressão. É aí que Duvignaud deixa ver a sua faceta de educador mais que visível em suas aulas, seminários, conferências ou na sua atuação como diretor do Laboratoire d'Anthropologie Sociale na Université Paris VII. Mais que um diretor de pesquisa, era o propositor que aparecia. Daí se deprende a alta voltagem criativa de Duvignaud que, de imediato, transparecia nos estudos efetuados por seus colaboradores.

Todos os aspectos até aqui apresentados são evidenciados pelos autores do livro que o homenageia, e é preciso destacar o fato de que nele várias gerações de intelectuais estão representados. Georges Balandier, Edgar Morin, Pierre Fougerollas, Jacques Berque, Jean-Michel Palmier, André-Marcel d'Ans, David Le Breton, J. P. Çorbeau, Laurent Vidal, Annie Guédez, Pierre Lassave, Françoise Gründ, Alain Lévy, Sophie Caratini, Charles Illouz, todos com um único intuito: reverenciar o mestre e amigo que soube fazer de Paris, do Brasil e do mundo a sua casa, sem esquecer de sua cidade natal La Rochelle. O Brasil foi posto perto do mundo, porque a cidade em que nasceu serviu de porto do qual Villegagnon partiu para fundar a França Antártida em solo tropical. Costuma dizer isso com muita satisfação, e o Brasil não ficou de fora na coletânea de ensaios que compõem o livro. Laurent Vidal assina o texto que tem o interessante título: "Aviso. Paraíso a explorar" (pp. 161-167). O autor credita a autoria dessa frase a Blaise Cendrars que esteve por diversas vezes no Brasil e se relacionou com os organizadores da Semana de 22 que visualizou esse tipo de anúncio, deslocando "a avidez dos primeiros conquistadores". Cendrars manteve ligações com intelectuais e artistas brasileiros, especialmente em São Paulo. Sua vinda, no ano de 1924, é um marco no sentido em que dá início à redescoberta do Brasil pelos modernistas. Mario de Andrade incluía-se nesse grupo, que se relacionou com Cendrars. Laurent Vidal estabelece um contraponto com o que moveu Claude Lévi-Strauss em sua estada no Brasil, ou seja, "estudar as estruturas da vida social" e "as manifestações da vida a-estrutural" para Jean Duvignaud. Eis o que pode chocar. (p. 165).

**224** Ao terminar a leitura do livro, oferecido como um presente, fica uma pergunta: por que dentre os muitos amigos, orientandos, colaboradores que Jean Duvignaud foi capaz de fazer no Brasil ou os brasileiros que com ele trabalharam, nenhum desses

tenha sido convidado para juntar-se aos que aparecem no livro? Era a ocasião perfeita para fazê-lo. Ainda que seja assim, o livro tem uma função especular inestimável, porque serve de viga que sustenta a história de uma amizade bem diversa daquela existente entre Walter Benjamin e Gershon Scholem (1989). Enquanto nesta há empenhos de ambos decifrarem enigmas que englobam a relação de um com o outro, numa Europa conturbada, na atual a amizade se revela apta a desvendá-los. Ao perceber esse núcleo reflexivo, dá para compreender por que Jean Duvignaud participa do livro com o ensaio "Encaminhamentos" datado de 1996, no qual afirma: "A criação se nutre da matéria social – linguagem, cores, adornos, sons – para tentar, como sugere Adorno, responder às eternas questões da Esfinge" (p. 60). Longe de lamúrias diante dessa constatação conclui o texto do jeito que é próprio a Jean Duvignaud: um permanente combatente, incansável, sem sinais de fadiga. Movido pela esperança, acrescenta: "Um trabalho sem fim, felizmente" (p. 61).